



---

v. 15, n. 30, Jul./Dez. 2024

Dossiê: *TOMÁS DE AQUINO (750)  
E KANT (300)*  
**EDITORIAL**

---

Angelo José Salvador\*

Há 750 anos Tomás de Aquino findara sua existência e se estabelecia definitivamente como fonte abundante para a reflexão filosófica e teológica. Conhecido carinhosamente como o “Doutor Angélico”, além de doutor da Igreja e teólogo, foi também um importante filósofo medieval. Ele elaborou uma criativa síntese entre o pensamento aristotélico e o cristão. Além disso, buscou demonstrar que a razão é capaz de Deus, mesmo que incompleta quando não acompanhada pela fé. Além dessas questões, foi um pensador atento aos assuntos de seu tempo, discorrendo sobre justiça, ontologia, gnosiologia entre outros.

Muito diferente da percepção comum de que Tomás desenvolveu uma filosofia estática, ele, pelo contrário, foi detentor de um pensamento dinâmico atento aos problemas de seu tempo. Nesse sentido, para desenvolver os impactos de sua reflexão a presente edição da *Sapere Aude* oferece vários artigos sobre o doutor angélico que atualizam a importância do seu pensamento para a atualidade. O artigo do importante filósofo Paul Gilbert, professor de metafísica da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, depois de propor uma profunda reflexão sobre a *res* em Anselmo e Tomás de Aquino, identificando a dinamicidade fenomenológica desses autores, desenvolve em seu texto uma releitura dessa problemática em Lima Vaz. Por sua vez, O artigo intitulado *O tomismo transcendental: acerca do problema da relação entre ontologia e teologia*, retoma a discussão a respeito dos conceitos entre ontologia e teologia partindo da abordagem proposta pelo teólogo Karl Rahner em uma perspectiva transcendental.

Trazendo o pensador para terras brasileiras, o artigo *De são Tomás de Aquino a Henrique Cláudio de Lima Vaz: percursos e legado antropológico*, visa retomar o legado tomista no

---

\* Doutorando em Ciências da Religião pela PUC Minas. Mestre em filosofia pela FAJE. Professor do Departamento de Filosofia da PUC Minas. E-mail: [angelosalvador@pucminas.br](mailto:angelosalvador@pucminas.br).

Brasil, desde o humanismo cristão dos jesuítas até a acurada reflexão vaziana sobre o Doutor Angélico, principalmente no que diz respeito à noção de *pessoa*. Por fim, o artigo *Uma breve investigação do justo meio enquanto propriedade da virtude moral segundo Tomás de Aquino*, busca elucidar o conceito de justo meio enquanto aspecto fundamental da virtude moral.

A presente edição, também brinda os leitores com outro pensador, não menos importante para o pensamento ocidental: Immanuel Kant. A autoridade desse filósofo se comprova no número abundante de referências, artigos e livros dedicados a ele. Não apenas se comprova sua importância por meio de escritos e referências bibliográficas, mas também na materialização de suas ideias nos Direitos Humanos, nas Nações Unidas, e até mesmo em sua influência na Constituição da Ciência da Religião. Para isso, basta pesquisar nos inúmeros escritos de Max Müller, fundador da referida Ciência, a forte influência kantiana. A filosofia ocidental não foi a mesma desde que, há 300 anos, nascia um dos mais influentes pensadores ocidentais. Por isso, nossa Revista, não deixou passar despercebido o filósofo de Königsberg. Inclusive, o próprio nome do nosso periódico *Sapere Aude* faz referência a Kant: ouse pensar! Esse era o lema do iluminismo e que continua atual, embora os desafios sejam outros. Em tempos de desenvolvimento cada vez mais especializado da Inteligência Artificial, crise climática, direitos fundamentais, crise das democracias entre outros, cabe a nós um aprofundamento crítico, inspirados e inspiradas por Immanuel Kant, dessas e de outras questões pertinentes do nosso tempo.

O séc. XXI mostra-se desafiador e exige uma reflexão acurada para que o homem não se perca no mar caudaloso de tanta inventividade; a aceleração, o número de crescente de informação, solapa a capacidade para o pensamento, pois o raso é a opção mais cômoda. Diante disso, as questões filosóficas essenciais postas por Kant, novamente se apresentam como fundamentais: o que posso saber? O que devo fazer? O que posso esperar? O que é o homem? Essas perguntas indicam que há no homem uma irrefreável busca pelo saber, mas tal busca é paradoxal: ao mesmo tempo que a razão procura conhecer a totalidade dos fenômenos e busca conhecer a causa suprema dos fenômenos, o homem se depara com sua finitude. É possível saber, mas dentro de limites. A ciência moderna dará conta de conhecer o possível, consciente de que qualquer tentativa de ir além disso é um uso ilegítimo da razão.

Todavia, a reflexão kantista não se resume à investigação dos limites do conhecimento. Kant dedica boa parte de seus esforços para refletir sobre a dimensão humana da convivência. Em uma fase da filosofia em que as grandes referências éticas estavam desgastadas, Kant se lança em uma empreitada cujo objetivo estava centrado na busca de um novo fundamento para

a moralidade. Desse modo, o homem não é dotado apenas de uma razão teórica, mas também de uma racionalidade prática e esse é o ponto fulcral para se pensar a dignidade humana. Assim sendo, Kant está ciente dos grandes avanços da ciência moderna, contudo, este não deve ser o foco da humanidade, ou seja, não no que ela produz, mas na finalidade última de suas ações. Nesse sentido Kant aponta um caminho, qual seja, a de que o homem não deve ser tratado como meio, mas sempre como fim último de toda ação.

Certamente, a filosofia kantiana deixaria seu legado com essas duas abordagens, todavia, o pensador em questão traz como marca sua herança cristã e por isso também reflete sobre a esperança. Nesse ponto, seu pensamento moral ganha pleno desenvolvimento ao se perguntar se o esforço moral nessa vida será completado em uma existência futura. Nesse aspecto, Deus passa a ser um elemento fundamental, pois através do Ente Supremo o homem alcança não apenas o bem, mas o sumo bem. Esse conjunto de questões alcança seu ápice quando o filósofo elabora a pergunta a respeito daquele que pergunta: afinal, o que é o homem? Esse ser inquieto busca dar sentido a própria existência e por isso mesmo, Kant abre espaço para a antropologia filosófica. Essa disciplina ganhará seus contornos mais acabados no séc. XX, principalmente através do neokantiano Ernest Cassirer. Para examinar essas questões e também outras, os artigos que compõem essa edição muito contribuem para o aprofundamento das temáticas levantadas por Immanuel Kant.

Não obstante às contribuições kantianas, no artigo *Racismo e teoria das raças em Kant e Hegel: invalidação ou apropriação crítica?* problematiza a teoria das raças em Kant e Hegel. Em quais aspectos essa reflexão contribuiu para o projeto de uma diferenciação racial moderna? Quais impactos dessa reflexão incidem na contemporaneidade? Ainda sobre a discussão sobre os reflexos da filosofia kantiana na atualidade, o artigo sobre *Releitura dialógica da noção kantiana de liberdade* retoma o debate kantiano sobre a liberdade numa perspectiva habermasiana. O filósofo da *razão comunicativa*, repropõe o debate aventado por Kant sobre a liberdade numa perspectiva intersubjetiva.

Já no artigo *A dedução dos juízos de gosto da crítica da faculdade de julgar*, semelhante à pergunta sobre as condições a priori para o conhecimento que se encontra na Crítica da Razão Pura, reflete se haveria uma categoria de gosto apriorística universal. Em outra discussão, John Rawls, apesar de aderir ao construtivismo moral kantiano em um primeiro momento, deslocará o problema da justiça para o campo político. Essa discussão é apresentada no artigo *John Rawls: uma concepção política da justiça e o construtivismo kantiano*. No bojo desse debate ético, o

artigo sobre *A doutrina kantiana da prudência*, retoma a importância desse conceito no sistema moral kantiano.

Kant também aborda a temática sobre a paz e o papel da razão em seu papel condenatório da guerra como via do direito e sua proposta da paz como um dever imediato. Ele trata dessa temática em sua obra *À paz perpétua*, que na verdade é uma ironia do filósofo de Königsberg ao letreiro de uma pousada holandesa, onde se encontrava uma pintura de um cemitério cuja lema era “à paz perpétua”. Kant, em fins do séc. XVIII, já propunha a necessidade de uma liga das nações capaz de conter a guerra e abrir espaço para a paz perpétua. Portanto, a paz não é uma condição apenas para os que já partiram, mas que deve ser construída já em vida. Esse debate é apresentado no artigo intitulado *Kant e o problema da constituição republicana mundial*.

Enfim, através dos artigos citados, os dois pensadores, Santo Tomás e Kant, embora em momentos diferentes da história do pensamento, são reapresentados ao cenário contemporâneo. Espera-se com isso rever questões aprofundadas por esses filósofos e sugerir outras. Permanece a certeza de que as reflexões desses dois ícones da filosofia ocidental continuam ainda muito pertinentes para se indagar criticamente sobre os problemas do tempo presente.

Boa leitura a todos!